

O NOVO PARADIGMA DA

**FILOSOFIA APLICADA
À VIDA**

JORGE DIAS

FILOSOFIA APLICADA À VIDA



JORGE DIAS

PENSAR BEM – VIVER MELHOR

**FILOSOFIA
APLICADA
À VIDA**



ÉSQUILO

www.esquilo.com

COLECÇÃO «FILOSOFIA APLICADA»



PENSAR BEM — VIVER MELHOR

FILOSOFIA APLICADA

À VIDA

JORGE DIAS

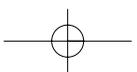
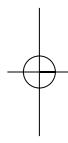
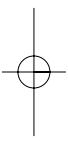
Título: PENSAR BEM, VIVER MELHOR – FILOSOFIA APLICADA À VIDA
Autor: Jorge Dias
Revisão: Filipa Pedroso
Coordenação Editorial: Patrícia Costa Dias
Projecto Gráfico: Gabinete gráfico da **ÉSQUILO**
Design da Capa: Ana Isabel Vieira
Impressão: Espaço Gráfico
Distribuição: Sodilivros — Tel.: 213 815 600
1ª Edição: Abril 2006
ISBN: 972-8605-74-9
Depósito Legal: 240136/06
Copyright: © Jorge Dias e **ÉSQUILO**



ÉSQUILO edições e multimédia, lda

Av. António Augusto de Aguiar, 17 — 4.º Esq. — 1050-012 Lisboa — Tel.: 213 896 160 — Fax: 213 866 832
E-mail: multimedia@esquilo.com — Endereço na Web: www.esquilo.com

*Para o meu filho, Marcelo Gustavo,
minha Felicidade,
Sentido e Projecto da minha vida...*



ÍNDICE

PREFÁCIO	9
AGRADECIMENTOS	11
INTRODUÇÃO	15
I. A EMERGÊNCIA HISTÓRICA DA «FILOSOFIA APLICADA» ...	19
A. ORIGEM E REFERÊNCIAS	19
B. O «COUSSELLING» COMO CIÊNCIA APLICADA À FILOSOFIA	26
C. DIFERENTES FORMULAÇÕES DO ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO NO MUNDO	37
D. O FUNDADOR: DR. GERD ACHENBACH	45
E. O ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO EM PORTUGAL	56
1. (...) <i>após o 1º Congresso da APAEF</i>	56
2. <i>De Olhos Abertos... Para uma Filosofia do Bem-Estar</i> ...	62
II. O «ESTATUTO PROFISSIONAL» DO FILÓSOFO	71
A. PROJECTO-LEI DE RUBEN DIAZ JR.	71
B. O CONSELHEIRO FILOSÓFICO E A ÉTICA PROFISSIONAL	74
III. A ÉTICA APLICADA AO MUNDO CONTEMPORÂNEO.	85
A. ACONSELHAMENTO ÉTICO PARA CRIANÇAS: A QUESTÃO DAS «COMPETÊNCIAS CRÍTICAS»	
1. Relação com o Projecto alargado da «Filosofia para Crianças»	
2. O Programa Luísa e a Ética – de Matthew Lipman	
3. Plano de Formação Especializada	
IV. NECESSIDADE E ACTUALIDADE DA FILOSOFIA APLICADA	101
A. A FORMAÇÃO PARA AS COMPETÊNCIAS ÉTICAS NOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO	101

B. O «CONSELHEIRO FILOSÓFICO» NAS ESCOLAS	111
C. A FORMAÇÃO NA UNIVERSIDADE	115
D. O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES	117
V. CASOS PRÁTICOS DE ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO INDIVIDUAL	127
A. CASO PARADIGMÁTICO	127
1. O caso de John e os Métodos PROGRESS e PEACE	127
B. CASOS PORTUGUESES:	154
1. Caso de Soraia	155
2. Caso de Christina	158
3. Caso da D. Isabel	160
4. Caso de Dino	162
5. Caso de João	165
6. Caso de Maria	170
VI. DA RÁDIO À DESCOBERTA DO ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO	173
A. ALMADA	173
B. CASTRO VERDE E ALMODÓVAR	176
C. SANTA CRUZ DAS FLORES	179
D. QUARTEIRA	181
E. VOUZELA E OLIVEIRA DE FRADES	183
F. AROUCA E LONDRES	184
G. LISBOA E A REVISTA VISÃO	187
VII. MÉTODO OU MÉTODOS?	189
A. MÉTODOS CONTEMPORÂNEOS DE ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO.	189
1. Método PROGRESS (Tim Lebon).	189
2. Método «Project» (Jorge Dias)	199
VIII. ESTUDO PRÁTICO.	205
A. UM MÉTODO PORTUGUÊS? CONTRIBUTOS DE AGOSTINHO DA SILVA	205

PREFÁCIO

Pensar Bem, Viver Melhor...

Este é o mote com que o autor deste *projecto* desafia todo o leitor que seja interessado e curioso pelos verbos «pensar» e «viver». Afirmamos como óbvio que, no Ser Humano, pensar e viver, constituem e qualificam o conceito de Homem. Com maior evidência ainda, são apresentados estudos que demonstram forte correlação entre o pensar e o viver. A fraca ou baixa qualidade de vida surge habitualmente, ou como causa, ou como consequência de problemas ou questões relativas ao pensar.

Talvez por isso mesmo, no mundo *psicologizador e massificador* em que vivemos actualmente, facilmente somos conduzidos e conduzimo-nos para a tendência de uma explicação psicológica e muitas vezes psicopatológica para tudo o que nos move, para tudo o que nos impede de mover, para tudo o que nos faz pensar, não pensar, viver, não viver, sofrer e continuar a sofrer.

Excluindo o famoso *efeito placebo*, é claro a todo o leitor que se existe doença, terá que ser cuidadosamente avaliada e desenhada uma terapêutica adequada à mesma. Mas... e se o problema ou questão não for de índole ou origem patológica? E se o problema for, por exemplo, de dúvida existencial? Ou se for de indecisão na escolha de algo na vida de uma pessoa? Deveremos buscar qualquer tipo de receita ou terapêutica clínica adequada a algo que, embora tão intrínseco ao Ser Humano, como a patologia, não o é de facto?

E se existissem pessoas formadas para a resolução de questões e problemas que dizem respeito à natureza do Ser Humano? E se essas pessoas tivessem uma tradição na prática desse tipo de intervenção de, pelo menos, dois milénios? Como se chamam esses técnicos? Porquê a Filosofia?

Como é que para além das lusas fronteiras este assunto é tratado? E por cá? Existe um lugar para a Filosofia? Haverá Filosofia sem a sua dimensão (realmente) prática?

Não! Quer desde os primeiros passos ou ensaios estruturados atribuídos e denominados Filosóficos até à actualidade, toda a Filosofia *transpira* e *comunica* de forma vital e holística, constituindo o Ser e constituindo-se com ele.

O leitor poderá identificar duas partes fundamentais nesta obra. Assim, numa primeira parte reúne a investigação ou revisão bibliográfica realizada pelo autor da obra sobre as origens e principais remissões sobre os conceitos de «Filosofia Prática» e de «Aconselhamento Filosófico». O novelo vai-se desfiando à medida que Jorge Dias nos apresenta o «Estatuto Profissional» do Filósofo, bem como a aplicabilidade, necessidade e actualidade da Ética no mundo contemporâneo. Na outra parte, digamos de aprofundamento dos fundamentos e aplicações apresentados anteriormente, o autor remete o leitor à reflexão e observação da análise de alguns casos práticos paradigmáticos a que o «Aconselhamento Filosófico» poderá responder. Assim, passo a passo, Jorge Dias analisa, tematiza, apresenta e aplica os métodos PEACE, PROGRESS e PROJECT. Enquanto os dois primeiros foram criados e utilizados por Lou Marinoff e Tim LeBon, respectivamente, o último é da exclusiva responsabilidade e coragem do autor.

A presente obra reflecte, em todas as suas linhas o percurso pessoal e de *projecto* que ganha carne na existência concreta do autor. Que não existam ou persistam dúvidas em relação a este ponto...Objectiva e corajosamente Jorge Dias compromete-se na totalidade do seu Ser com o presente *projecto*, sendo algumas páginas, retracto fiel, quase *confessional* do percurso que a presente temática sofreu no e pelo autor.

Com a leitura atenta à obra que se segue, poderá o leitor encontrar sugestões para subseqüente reflexão sobre as possíveis perspectivas e hipotéticos percursos a que o autor remete e convoca quem lê.

A aparente novidade da Filosofia Prática e das suas aplicações deverá colocar questões radicais, do ponto de vista epistemológico e científico, hoje e aqui.

Que comece o necessário e produtivo diálogo e debate que urge...

Tiago Pita.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais, gostaria de agradecer à Direcção Executiva Nacional da APAEF – *Associação Portuguesa de Aconselhamento Ético e Filosófico*, nas pessoas de Leonor Viegas, coordenadora do Secretariado Executivo Nacional e de Vítor José, Tesoureiro Executivo Nacional, pelo apoio incondicional na realização de todas as actividades promovidas, e as quais foram a substância que deu origem a este projecto, que é agora publicado em livro. No entanto, gostaria que o leitor soubesse, desde o início, que o conteúdo deste livro tem diversas referências à APAEF, que devidamente autorizou a sua publicação, mas em que o seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade do autor. Tudo o que vai encontrar nesta obra é o resultado de inúmeras investigações, actividades e projectos em que participei e em que estou directamente envolvido. Nalguns casos, pode parecer ao leitor que alguns conteúdos foram incluídos forçadamente, mas acredite que não, pois todas as actividades de divulgação pública foram, elas sim, a manifestação exterior deste livro, que há muito estava projectado...

Agradeço ao Dr. Tim Lebon, ao Dr. David Arnaud e à Dra. Antónia Maccaro (*Society for Philosophy in Practice*) pela recepção em Londres e pelo excelente trabalho que em conjunto fizemos. Um reconhecimento especial para o decisivo apoio científico do Professor Doutor Nikolaos Gkogkas (Universidade de Liverpool). Reconheço também o apoio e colaboração do Dr. Stephen Christie, do Dr. Neri Pollastri, do Dr. Henning Herrestad, da Professora Doutora Shlomit Schuster, da Professora Doutora Roxana Kreimer e do Professor Doutor Peter Raabe.

No entanto, reconheço que o grande incentivo, recolhi-o no «1º Congresso da APAEF», realizado no passado dia 29 de Agosto, na Universidade Nova de Lisboa. A presença e o contributo do Professor Doutor Óscar Brenifier, da Professora Rayda Guzman, do Dr. José Barrientos Rastrojo e do Dr. Gabriel Arnaiz, foram essenciais para que o trabalho científico da

APAEF fosse enriquecido com outras experiências, ideias e orientações. Relativamente a este evento, agradeço o apoio do Director da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, o Professor Doutor João Saáguas, na cedência do Auditório, assim como à Vice-Reitora da Universidade Nova de Lisboa, a Professora Doutora Salwa Castelo-Branco, que amavelmente me recebeu na Reitoria, e reconheceu a importância dos projectos da APAEF.

Gostaria também de agradecer todo o apoio fornecido pelos membros do Conselho Consultivo da APAEF: as orientações do Professor Doutor Michel Renaud e da Professora Doutora Isabel Renaud (Universidade Nova de Lisboa), assim como a disponibilidade do Professor Doutor Luís Araújo (Universidade do Porto), da Professora Doutora Maria do Céu Patrão Neves (Universidade dos Açores), da Professora Doutora Conceição Soares (Universidade Católica Portuguesa – Pólo do Porto), do Professor Doutor José Henrique Silveira de Brito (Universidade Católica Portuguesa – Pólo de Braga), do Professor Doutor Mendo Castro Henriques (Universidade Católica Portuguesa – Pólo de Lisboa) e do Professor Doutor Cassiano Reimão (Universidade Nova de Lisboa)

Importante para mim foi o interesse do VISprof – Centro de Formação de Viseu, na pessoa da Dra. Engrácia Castro, Directora, que sempre mostrou uma grande preocupação pelas questões éticas em contexto educativo. Foi neste Centro que ministrei uma Acção de Formação intitulada: «Ética e Consciência na Educação», onde pela primeira vez apliquei o meu Método de Aconselhamento Ético e Filosófico, denominado de «Project», em contexto de formação e através de sessões práticas, com os formandos a exercerem várias funções: Conselheiro, Funcionário Escolar (Cliente) e Observador, e deste modo, a aplicarem diferentes competências. Reconheço igualmente o interesse do Centro de Formação de Faro e São Brás de Alportel, em criar uma Rede de Formação subordinada ao tema: «A Ética Profissional do Educador/Professor».

Quero ainda evidenciar o enorme apoio do Professor Doutor Fragoso Fernandes⁽¹⁾, que sempre me acompanhou nas reuniões de trabalho que a APAEF teve com diversas Instituições, assim como nos inúmeros almoços de trabalho, em que debatíamos extensamente os problemas éticos do país, assim como os métodos filosóficos de aconselhamento individual e institucional. Evidencio também o apoio do Dr. Tiago Pita⁽²⁾, que sempre se disponibilizou para me acompanhar nos projectos de formação, nomeadamente na Certificação que adquirimos na *Society for Philosophy in Practice*, em Londres, e nos projectos de conferências realizados em várias Escolas Secundárias.

Reconheço neste projecto a confiança política e científica que a Secretaria de Estado da Juventude e Desporto, na pessoa do Assessor Dr. Pedro Cardoso, atribuiu à APAEF, dando-lhe um papel de destaque na construção do «Programa Nacional de Formação em Ética Desportiva».

Agradeço também ao Gabinete da Ministra da Educação, que me recebeu e reconheceu a pertinência do nosso projecto associativo, sobretudo naqueles em que pretendemos elaborar um modelo de Código de Ética Escolar, um Projecto-Lei para a criação de Comissões de Ética nas Escolas e uma alteração fundamental nos Currículos Escolares, com a introdução de várias disciplinas de Ética (aplicada à especificidade de cada curso)⁽³⁾ e do projecto de Filosofia para Crianças, a começar logo no 1º ciclo.

Um agradecimento profundo à Professora Rayda Guzman, que amavelmente me convidou para leccionar o módulo de «Dinamización Filosófica I» no Mestrado da Universidade de Barcelona, intitulado: «Prática Filosófica y Gestión Social».

E se tenho plena consciência de que um projecto só poderá construir-se em equipa, então tenho que reconhecer também o fundamental empenho da Dra. Ana Monteiro, coordenadora do Núcleo Regional da Beira Interior e da Dra. Celeste Machado, coordenadora na APAEF do Departamento de Filosofia para Crianças e Jovens. Só assim conseguimos organizar a «Conferência Internacional de Filosofia para Crianças» na Uni-

Notas

1. Coordenador na APAEF do Departamento de Aconselhamento Filosófico Individual e do Núcleo Regional de Lisboa.
2. Presidente da Assembleia-Geral da APAEF.
3. Neste âmbito, refira-se o excelente projecto da Universidade Católica do Uruguay, com a criação do Departamento de Éticas Aplicadas: Ética Jurídica, Ética Empresarial e Laboral, Ética Educativa, Ética da Comunicação, Ética das Ciências Sociais, Ética das Novas Tecnologias, Ética da Saúde, etc. Se podemos considerar este modelo um exemplo para as Universidades Portuguesas, mais pertinente se torna quando nos referimos aos diversos Cursos escolares do Ministério da Educação. Por exemplo, o Curso de Economia deveria ter a disciplina de Ética Empresarial; o Curso de Desporto deveria ter a disciplina de Ética Desportiva; o Curso de Informática deveria ter a disciplina de Ética das Novas Tecnologias, etc.

versidade da Beira Interior, não apenas porque o considero um evento único em Portugal, mas sobretudo pelos objectivos que orientam todo o projecto, a saber, reunir todos os especialistas da área em nome de um currículo sólido e com resultados para as crianças portuguesas de hoje, homens e mulheres de amanhã.

Para terminar, gostaria de agradecer à Revista *Visão*, na pessoa dos Jornalistas Miguel Carvalho, Tiago Fernandes e Pedro Barros pelas excelentes reportagens que fizeram sobre os projectos da APAEF.

Não querendo ser injusto, espero que possam entender todos aqueles que não estão aqui referidos, cujo trabalho foi essencial para que este projecto associativo fosse possível, num país que anda a prometer inovação há alguns anos, e que teima em querer sair dos últimos lugares nas tabelas europeias de desenvolvimento humano e crescimento económico.

INTRODUÇÃO

Este é um projecto que nasce com três constatações:

1) Os problemas éticos da sociedade portuguesa. Não gostaria de alongar muito a minha reflexão sobre este ponto, mesmo sabendo que poderia escrever milhares de páginas sobre a Corrupção em Portugal, no Futebol, nas Câmaras Municipais, nas Empresas, etc. Poderia aqui questionar a Ética de alguns Bancos, que sobrevivem num mundo complexo, e à custa da ignorância e da fraqueza dos depositários/contribuintes. Poderia também referir imensas situações «cinzentas», onde o «incorrecto» acontece, mas sem que ninguém saiba ou se aperceba: no Jornalismo, na Política, nas Universidades, na Administração Pública, nos Hospitais, etc. Como vê, trabalho não falta para o especialista em Ética Aplicada. Nesta constatação, que desenvolverei ao longo deste livro, apenas quero, por agora, introduzir estes aspectos para uma reflexão inicial do leitor.

2) Os problemas filosóficos das pessoas. O leitor nem imagina a quantidade de *e-mails* que tenho recebido com histórias e pedidos de ajuda individual. Quase todos com uma característica comum: já recorreram a várias ciências de ajuda, já experimentaram quase tudo... E que o «desespero» lhes abriu a possibilidade de experiencarem uma ciência nova – o Aconselhamento Filosófico Individual. Gostaria ainda de aproveitar, neste ponto, para deixar bem clara a minha posição: acredito que o Aconselhamento Filosófico poderá ser uma área profissional muito útil, sobretudo se trabalhar em conjunto com outras áreas, como o Serviço Social, a Medicina, a Gestão, o Marketing, a Psicologia, etc. Espero que o leitor entenda esta polémica questão, pois o facto de um cliente surgir no meu gabinete para uma consulta de filosofia, não significa que o Filósofo

tenha de entrar em conflito com outros profissionais de ajuda. Pessoalmente, acredito e defendo o trabalho em equipa. Aliás, é um sinal dos nossos tempos, e quem não o vir, arrisca-se ao insucesso.

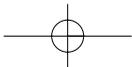
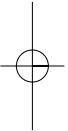
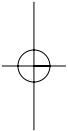
No desenvolvimento deste ponto, encontrará neste livro uma série de referências à ciência do Aconselhamento Filosófico, para que possa compreender a sua origem e fundamento, assim como também encontrará o desenvolvimento de dois métodos, para mim, essenciais: PROGRESS e PROJECT e a análise de alguns casos reais de clientes que consultaram o Conselheiro Filosófico.

3) O desemprego dos licenciados em Filosofia. Ao longo do tempo, fui-me questionando para que servia uma licenciatura em Filosofia, assim como uma Pós-Graduação, Mestrado e Doutoramento. As respostas que fui obtendo à medida que ia falando com diversos professores, profissionais de várias áreas, alunos universitários e do ensino secundário, provocaram em mim alguma confusão. A legislação que fundamentava a criação dos cursos era muito clara: o curso é útil para a formação pessoal, social e profissional. Então, significava que estávamos perante uma profissão, a de Filósofo. O modo como a comunicação social trabalhava esta questão nunca ajudou muito, assim como a «aversão» que a maioria dos Filósofos tinham dos meios de comunicação social, assim como o isolamento que alguns promoveram... A realidade é que a maioria das licenciaturas prometiam diversas saídas profissionais, para bibliotecas, diplomacia, animação cultural, intervenção política, pareceres éticos, formação, recursos humanos, etc. Por outro lado, a componente prática e profissional dos cursos era muito reduzida, ou quase inexistente. A única área científica que ia tendo algum sucesso era o ramo educacional, ou seja, a formação de professores de Filosofia para as escolas do ensino secundário. Acontece que o elevado número de licenciados, ou o reduzido número de horários de trabalho disponíveis nas escolas começou a gerar um excedente, com milhares de licenciados em Filosofia no desemprego.

A APAEF surge como Projecto associativo e com o objectivo de mudar esta realidade. Interligadas na sua base científica e institucional, estas constatações vêm trazer uma nova realidade, a saber, o licenciado em Filosofia como habilitado para presidir e coordenar Comissões de Ética, (fundamentais em todas as instituições, como veremos mais à frente), para ministrar acções de formação em diversas áreas relativas à humanização dos serviços numa instituição, assim como para ser Conselheiro Filosófico individual e institucional.

Todos estes aspectos encontram-se fundamentados em experiências reais e concretas, que suportaram as ideias que aqui apresento.

Desejo-lhe uma óptima leitura.



I

A EMERGÊNCIA HISTÓRICA DA «FILOSOFIA APLICADA»

A. ORIGENS E REFERÊNCIAS

O Aconselhamento Filosófico é já muito antigo. Ao contrário daquilo que o leitor possa pensar, já na Antiga Grécia podemos ver os Filósofos a debater sobre assuntos da Pólis e da vida quotidiana, assim como sobre algumas questões mais intelectuais e espirituais, as quais intrigavam os espíritos mais inquietos, fossem eles escravos, cidadãos comuns, discípulos ou políticos. Aliás, muitas dessas preocupações chegavam mesmo a perturbar o dia-a-dia das pessoas e a influenciar o caminho que traçavam para as suas vidas.

Não é meu objectivo aqui escrever uma Tese de Doutoramento sobre o assunto, aliás, até seria um desafio muito interessante, mas simplesmente porque pretendo apenas, com este livro, mostrar ao leitor a actualidade profissional, a utilidade e a importância do Filósofo Contemporâneo na Sociedade Portuguesa. Consciente de que a tarefa parece, à primeira vista, desadequada, tenho a certeza que o problema não está no desinteresse das pessoas, mas na incapacidade do Filósofo Contemporâneo em construir e definir solidamente a sua área de trabalho. Estará em reflexão, ao longo desta obra, o sentido das licenciaturas em Filosofia, mas acima de tudo, dos Cursos de Pós-Graduação (quase inexistentes), assim como dos Mestrados e dos Doutoramentos, que são claramente um negócio para as Universidades. Já muitas foram as vezes em que ouvi Professores Universitários dizerem que a Filosofia não serve para nada... Sempre admirei esta ironia socrática, que sempre a entendi como uma forma de motivar os alunos de Filosofia a serem criativos e autónomos nos seus projectos profissionais.

Talvez tenha sido essa a intenção do Professor Louis Marinoff ao escrever a sua magna obra intitulada: *Philosophical Practice*, que para mim representa, independentemente das críticas que lhe possamos endereçar, um autêntico projecto para uma «Ordem» dos Filósofos. Aliás, foi isso que um Deputado me perguntava, quando há uns meses atrás lhe apresentava o projecto da APAEF. Louis Marinoff divide a sua obra em 5 partes: 1) Fundações da Prática Filosófica. Neste ponto, o Filósofo Americano reflecte sobre a questão da Filosofia como uma forma de vida e afirma que é essa a razão justificativa da sua «onda de popularidade» na actualidade. 2) Modos da Prática Filosófica. Aqui, o autor refere-se aos vários tipos de trabalho que um profissional de Filosofia pode ter, e divide-os em três tipos – Conselheiro Filosófico Individual, Filosofia Aplicada a Grupos (Cafés Filosóficos, Filosofia para Crianças, etc.) e Filosofia Aplicada às Instituições (Comissões e Códigos de Ética, Consultor Ético nas Empresas, nas Escolas, na Administração Pública, etc.) 3) Profissionalização da Prática Filosófica. Nesta parte, Louis Marinoff apresenta o seu Projecto de Formação na APPA – *American Philosophical Practitioners Association*. E termina a sua reflexão com a polémica questão acerca do «Reconhecimento» *versus* a «Regulação», ou seja, a Licença, a Certificação ou o Registo. 4) Marketing da Prática Filosófica. 5) Política da Prática Filosófica. Nesta última parte, o Filósofo Americano reflecte sobre a relação da Prática Filosófica com outras ciências, com a questão da Globalização e sobre as relações internacionais entre os vários Praticantes de Filosofia.

Seja como for, o importante é percebermos os vários contributos para o aparecimento da Prática Filosófica como uma área profissional, e que, à semelhança do que acontece em outras áreas, os serviços prestados são pagos. Se analisarmos a ligação dos Filósofos à sociedade em que viveram, facilmente constatamos que muitos foram aqueles que tiveram actividades políticas, como assessores, diplomatas, conselheiros, que muitos escreveram em Jornais e Revistas, criticando isto ou aquilo, que fundaram Institutos, Escolas, Universidades, que participaram em Programas de Televisão, Rádio, etc.

Sócrates é de facto o mais mediático. Hoje, são já muitos os Filósofos especialistas nas técnicas analíticas, críticas e argumentativas do «Diálogo Socrático». Muitas foram as Teses de Doutoramento sobre a obra de Platão. Se lermos o *Fédon*, escrito no século IV antes da era cristã, encontramos um dos momentos mais marcantes da vida de Platão: a morte de Sócrates. Sendo um diálogo da maturidade, nele aparece pela primeira vez, de modo sistemático, a tese sobre a natureza imortal da alma humana

e algumas teorias do Filósofo Grego, como a Teoria das Ideias, a Teoria da Reminiscência e a Teoria da Participação. Em torno do seu tema principal, este diálogo desenvolve um conjunto de questões filosóficas importantes, e que nos fazem aproximá-lo de uma consulta filosófica contemporânea: o significado da morte e do suicídio, a finalidade e o valor da acção humana e a natureza do bem, da verdade e da justiça. Como um autêntico Conselheiro Filosófico, Platão lançou, sobre cada uma destas questões a luz do seu raciocínio, dedicando-lhes o cuidado de uma austera argumentação racional. O lugar deste Diálogo foi a cidade de Fliunte, no Nordeste do Peloponeso; as personagens foram Fédon, discípulo de Sócrates, e Equécrates, membro do círculo dos pitagóricos; e o tema foi a morte de Sócrates. Na verdade, várias foram as pessoas que visitaram o Mestre na prisão, mas o mais impressionante foi a atitude de Sócrates perante a sua própria morte, mostrando-se sereno.

Teríamos aqui uma ideia que nos levaria para um autêntico debate sobre a paz espiritual do Filósofo. Será esse o objectivo do Aconselhamento Filosófico contemporâneo? Talvez, mas o modo de a ele chegar pode não ser o mesmo. Sócrates chega mesmo a aconselhar os seus visitantes: deve-se morrer o mais rapidamente possível! Este conselho socrático espantou todos os presentes, mas o mestre de imediato esclareceu que não estava a defender o suicídio, pois que para ele a vida dos homens era pertença dos deuses. É aqui que se vai atingir o ponto fulcral do Diálogo. Platão irá desenvolver quatro longos e cuidados argumentos em defesa da sua tese sobre a natureza imortal da alma: 1) da geração dos opostos pelos opostos (70c – 72e); 2) da reminiscência (73 – 77b); 3) da semelhança e da simplicidade (78b – 84b); 4) dos contrários em si. (92c – 107b)

A Filosofia define-se como catarse e a vida terrena como uma propedêutica para atingir a finalidade última do homem: a Felicidade. «O comum das pessoas está, provavelmente, longe de presumir qual o verdadeiro alvo da Filosofia (...)» Por isso a Filosofia «a isto se resume: um treino de morrer e de estar morto». (64)

Independentemente dos conteúdos abordados num diálogo filosófico, o importante reter aqui é a forma como são abordados, ou seja, a forma da reflexão filosófica. Essa sim, servirá para o enriquecimento da formação metodológica do Conselheiro Filosófico contemporâneo.

Um autor que me parece fundamental neste itinerário formativo do Conselheiro Filosófico ou no simples caminho do leitor curioso, é Mon-

tesquieu, cuja obra *Elogio da Sinceridade*⁽¹⁾ foi recentemente publicada em português. O autor francês refere logo no início a importância dos Estóicos em matéria de Filosofia Aplicada, sobretudo porque aconselhavam as pessoas a «autoconhecerem-se». No entanto, as críticas vêm logo a seguir, porque para Montesquieu, o caminho não era por aí... Em vez da especulação teórica, o Filósofo deveria exercitar-se na prática da sinceridade. Em matéria de ética pessoal, a sinceridade torna-se uma virtude que transporta o indivíduo para uma satisfação interior, baseada na transparência da consciência e na paz do sentimento. É assim que vive, na sua intimidade, o homem de bem, e na vida pública, o grande herói. Este pequeno livro de Montesquieu, vale pela oportunidade que a sua leitura nos fornece, como se entrássemos numa sala de exercícios práticos. No entanto, o Filósofo francês é deveras crítico da sua época, aliás, na esteira daqueles filósofos que sempre quiseram intervir no mundo... Na página 13, considera que há demasiados «Narcisos» no mundo, mas que são esses os seres mais perdidos do caminho que leva à felicidade. É por isso necessário curá-los – diz Montesquieu. O que pensará o leitor perante esta frase quase desconcertante?

Um homem simples, que não tem senão a verdade a dizer, é olhado como o perturbador do prazer público. (Montesquieu)

E para o estudioso da Ética pessoal, chega a ser ainda mais estremecedor esta outra frase:

De onde vem que já não haja verdadeira amizade entre os homens? Que este nome já não seja mais do que uma cilada, do qual eles usam com baixeza para se seduzirem? É porque, diz o poeta (Ovidio, «De arte amandi»), já não há sinceridade. (Montesquieu)

As críticas deste Filósofo francês são realmente muito duras, mas provavelmente, por essa mesma razão, por serem demasiado reais, sobretudo em pleno século XXI. O que dizer da comparação que Montesquieu estabelece entre a «falsa amizade» e os textos que se escrevem nos túmulos?

Mas temos de esperar pela página 20 para lermos a grande mensagem motivadora e positiva da sua obra:

Que um homem tenha a força de ser sincero, e vereis uma certa coragem difundida em todo o seu carácter, uma independência geral, um

império sobre si mesmo (...) uma alma isenta de nuvens do temor e do terror, um amor pela virtude, um ódio pelo vício (...) (Montesquieu)

Interessa-nos a Filosofia Aplicada de Montesquieu, nomeadamente as suas referências éticas, sobretudo porque, ao nível da análise pessoal, nos fornece preciosos elementos para a prática do Aconselhamento. O exercitar constante da sinceridade, em nome da verdade como valor máximo, tem como consequência a tranquilidade da consciência, que por sua vez conduz à felicidade.⁽²⁾ Imagine agora os seus efeitos contrários, caso não sejamos sinceros.

Também Kant teve um papel fundamental no processo de elevação da Filosofia Prática a área profissional. Como todos sabemos, na actualidade, os principais Filósofos práticos seguem as suas referências metodológicas e conceptuais. Recordo aqui Jürgen Habermas na Alemanha, John Rawls nos Estados Unidos da América e Adela Cortina em Espanha. Na sua *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Kant recorda a divisão da velha Filosofia Grega em Física, Ética e Lógica. A reflexão kantiana vai centrar-se sobre a Ética enquanto ciência que investiga as leis da liberdade, e é também por isso que lhe vai chamar Teoria dos Costumes. A parte empírica da Ética, Kant denomina-a Antropologia Prática, enquanto que a parte racional é denominada de Moral.

No Prefácio da sua obra, Kant refere que a divisão do trabalho na indústria foi útil para o seu desenvolvimento. O mesmo deveria acontecer nas Ciências Filosóficas. A competência profissional é mais sólida e eficaz num especialista do que num generalista, que de tudo sabe um pouco, e em geral, mas que nada faz, bem, e em concreto. Kant defende a necessidade de Filósofos especialistas, que sejam capazes de fundamentar a prática filosófica em princípios estritamente racionais: *uma Pura Filosofia Moral* seria o objectivo a atingir, baseada em leis *a priori*, assim como uma avaliação constante entre os fundamentos teóricos e a sua aplicabilidade prática seria também o ideal social a realizar. Kant pretendia uma «faculdade de julgar» apurada pela experiência, para que pudesse distinguir quais os casos em que as leis poderiam ser aplicadas, e assegurar a entrada dessas leis na vontade do homem, de modo a poderem ser eficazes na prática. Kant pensava evitar assim toda a espécie de «perversão dos costumes», definindo a fonte dos princípios práticos que residem *a priori* na nossa razão.

Kant não pretendia investigar as condições do querer humano em geral, pois sabia que isso pertencia à Psicologia; o que ele pretendia era in-

investigar os princípios racionais de uma vontade pura – esse seria o fundamento de uma Metafísica dos Costumes.

Na sua época, Kant representou o papel de um autêntico Conselheiro Filósofico, sobretudo se pensarmos nas suas investigações sobre a liberdade e sobre a autonomia do homem em relação a todas as formas de opressão intelectual, social e política. *Ousa Pensar!* – é a fórmula mais repetida e com a qual se pretende despertar a razão humana para lutar contra preconceitos, contra a tradição, contra a superstição, contra toda a tirania e autoridade exterior à razão. Neste sentido, Kant foi um revolucionário. Aliás, a sua Ética fundada no «amor ao dever», como forma de respeito, e baseada na boa vontade, leva-nos para um formalismo reflexivo que tem como resultado leis morais com uma validade universal e que funcionam como conselhos válidos para todos os sujeitos, seja em que caso for, tendo assim uma aplicação universal.

Curiosa é a interpretação que um Manual Escolar faz da Filosofia de Kant, relativamente à disciplina de Filosofia no 10º ano: na página 165 de *Um Outro Olhar sobre o Mundo*⁽³⁾, encontramos a afirmação de que as regras morais da Ética Kantiana são autênticos «aconselhamentos válidos para todas as pessoas».

O que dizer, por exemplo, do «Mito de Sisifo»⁽⁴⁾ de Albert Camus? Denominado pelo autor como um ensaio sobre o absurdo, nele encontramos uma descrição, em estado puro, de um mal do espírito. O que poderá dizer o Conselheiro Filósofico perante esta questão? E quando a primeira frase da obra nos deixa imediatamente preocupados e num beco sem saída? O que fazer?

Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio. (Albert Camus)

Independentemente do desenvolvimento que este autor dá à questão, parece-me fundamental retermos o seguinte: se o problema é filosófico, então, terá de ser o Conselheiro Filósofico a debater-se com ele e com o cliente que apareça no seu Gabinete para o abordar. Camus insere este problema num dos tópicos mais trabalhados na prática filosófica, ou seja, o que pretendo dizer é que a maioria dos clientes traz ao Gabinete problemas/questões relacionados com o sentido da existência humana. Citando Nietzsche, o homem-filósofo deve dar o exemplo. E é aqui que está a questão: se temos um sentido pessoal na nossa vida, então, como essencial que é, devemos estar preparados para «morrer» em nome desse sentido, caso seja necessário, ou, por outro lado, duplicar a paixão de viver.

Albert Camus fala-nos também, na sua Filosofia Aplicada, em métodos de pensamento, assim como nos limites da ciência ao estudar a questão suicídio como se ele fosse apenas um fenómeno social. Caberá ao Aconselhamento Filosófico, como metodologia de trabalho individual, encontrar esse «veneno» que leva ao suicídio, e que segundo Camus, se encontra no «coração do homem.»⁽⁵⁾

Esse jogo mortal, que vai da lucidez perante a existência, à evasão fora da luz, é preciso segui-lo e compreendê-lo. (...) As pessoas raramente se suicidam por reflexão. Aquilo que provoca a crise é quase sempre incontrolável. (Albert Camus)

A comunicação social avança sempre com uma causa aceitável e que descansa as consciências dos interessados, mas, segundo este Filósofo francês (argelino), o suicídio é um momento de um longo caminho, mas é um «momento». Basta que naquele dia um amigo lhe tenha falado «num tom diferente. É ele o culpado.»⁽⁶⁾ Assim sendo, o suicídio é para Camus uma confissão de «derrota», em que o seu autor admitiu ter sido vencido pela vida e não ter feito o esforço suficiente para a compreender. «Absurdo» é precisamente esse divórcio entre o homem e a sua vida. De qualquer forma, Camus vai complicando um pouco a reflexão, sempre em busca de uma clarificação conceptual cada vez maior, ao ponto de afirmar que muitos dos homens que se suicidaram eram precisamente aqueles que estavam certos de terem encontrado um sentido para a sua vida.

(...) a Psicologia que um espírito objectivo sabe sempre introduzir em todos os problemas, não tem lugar nesta procura (...) (Albert Camus)

Mas por outro lado, o autor considera, e talvez com razão, que todos os homens já pensaram no seu próprio suicídio.

O tom da reflexão torna-se *light* quando Camus cita Schopenhauer, o qual fazia o elogio do suicídio perante uma mesa bem guarnecida.

Por sua vez, o alemão Jürgen Habermas deu continuidade aos estudos práticos de Kant, com as denominadas Éticas da Discussão. Mas enquanto a universalidade da norma kantiana se fundava apenas na consciência do dever de um indivíduo racional e livre, a tendência das Éticas da Discussão encontra fundamento em todos os participantes do diálogo. É assim que Habermas afirma:

VIII

ESTUDO PRÁTICO

A. UM MÉTODO PORTUGUÊS? CONTRIBUTOS DE AGOSTINHO DA SILVA

– UMA FILOSOFIA PARA A VIDA?⁽¹⁾

Na obra *Vida Conversável*⁽²⁾, Agostinho da Silva começa por «olhar» a vida de modo curioso, como o jogo da «cama de gato». «Acho que na vida o que há é um jogo perpétuo de crianças com a cama de gato.» Na vida aparecem **Problemas**, analisamos, agimos, o resultado é inesperado, voltamos a agir, e assim indefinidamente. «Toda a nossa habilidade é tornar a ser crianças para ver como é que sai a cama de gato».⁽³⁾

Na página 19, conta a história de uma senhora brasileira, da Bahia, conhecida como mãe de santo, a dona Olga: «*Eu não sei como é que ela fazia. Mas as pessoas saíam dali, talvez não fosse com os conselhos, mas o que é facto é que saíam dali amparadas, alegres, sabendo que alguém estava com elas*». Pergunto: O que era a senhora? **Conselheira Filosófica?** Psicóloga? Psiquiatra? Vidente? «*A única solução que eu posso dar é que ali, ela era ela. (...) sem procurar doutrina nenhuma, sem atender a nenhuma espécie de código.*»

Então, «*se todos os portugueses chegassem a uma capacidade dessas de ser, não todas as coisas ao mesmo tempo, mas cada coisa na ocasião certa, que estivesse em harmonia com ela e com o tempo, de ser sinceramente todas as coisas... E quer cheguemos a essa forma de vivência aqui, em África ou na América, que possamos levar à Europa alguma coisa que, segundo parece, lhe está a fazer muita falta.*»

No entanto, na página 28, avança: «*Muita gente já o sabe e sente-se oprimida, sente-se excluída de uma vida verdadeira, porque tem de ser só*

*isto ou aquilo, ou porque fica muito espartilhada para ser outras coisas, ou porque poderia parecer esquisito também ser outras coisas. Então gostaria que as pessoas se libertassem desse **medo**.*»⁽⁴⁾

E qual o **Método**? «*O que é importante quando se é plural é ter absoluta noção do equilíbrio, não só entre as diversas personagens que compõem o sujeito, como, por outro lado, no equilíbrio daquilo que ele é com o que está fora dele*». Aqui temos a **Ética Agostiniana**: «*o homem que vê no miserável, no desgraçado que pede esmola ou naquele que leva uma vida miserável, a «charis» interior, a graça com que ele nasceu e que perdeu com a vida [difícil] – isso é que é a Caridade.*»⁽⁵⁾

Conselheiro Filosófico?: «*O dever do homem é o de salvar as personalidades que ele é, sem desprezar as personalidades que os outros são.*»⁽⁶⁾ (...) *De modo, que temos de libertar as nossas várias personalidades hoje extremamente reprimidas... Uma das coisas que nos oprime na personalidade é o facto de termos de exercer no mundo uma profissão, de termos de ter um trabalho.*»⁽⁷⁾

A Fábula das Abelhas, um dos seus Métodos?: as abelhas são o símbolo do imprevisível. Mas com o aparecimento das Colmeias exploradas pelos homens, tudo mudou, tudo ficou previsível e assim perderam a sua liberdade. A lição: «*A vida plena é a vida do equilíbrio difícil. A vida do equilíbrio é aquela que leva quase toda a gente no mundo, mas em que as pessoas na maior parte das vezes estão tristes. Há milhares de médicos que vivem da Depressão das pessoas, e de uma coisa que grande parte da sociedade explora, que são os meios de deprimir as pessoas*»⁽⁸⁾. Aqui, Agostinho aconselha os valores da sua Ética do Equilíbrio: Caridade, Humildade, Simpatia, Apoio.

No Capítulo 9, Agostinho da Silva refere-se ao seu conceito mais importante: o **Paradoxo**. O homem tem de ultrapassar a «guerra» do ortodoxo com o heterodoxo. O paradoxo aponta para a universalidade e para a paz entre os homens, num encontro com o Divino.

Refere-se também ao **Código Moral**: «*Nós usamos um Código Moral e temos que usa-lo exactamente como fizemos com um sinal do semáforo ou com o bilhete de identidade – alguma coisa que simplifica, enobrece, torna a vida mais humana, mais racional e mais livre, e mais livre também no sentido emocional.*»⁽⁹⁾

Um Dilema Ético: Tóquio, Monges Zen. «*Andarem pelos night-clubs a vender fotografias obscenas, porque precisavam de dinheiro para arranjar qualquer coisa no Mosteiro, e como vendendo fotografias obscenas se arranjava mais depressa dinheiro do que vendendo livros moralis-*

tas, calmamente foi o caminho por onde ingressaram. Para eles, o di-
nheiro era o meio indispensável, não podiam tê-lo de outra maneira, pa-
ra realizarem o que consideravam desejável». Será que os Monges agi-
ram mal? Seria a obra no Mosteiro assim tão indispensável?

A tarefa do **Conselheiro Filósofico** seria contribuir para a libertação
do homem: «*não deveríamos na realidade desejar nada*»⁽¹⁰⁾. Mas a estru-
tura do mundo social mostra-nos uma realidade exactamente contrária.

O Conselheiro Filósofico na Escola – o Orientador Escolar?: «*Tenho agora amigos que estão muito preocupados porque em Escolas Públicas não há Bibliotecas e eles querem-nas criar, isto é, dar ao Governo ainda mais poder do que o que já tem. Quando o que deviam procurar era que essas Bibliotecas fossem de Associações de Estudantes ou de Pais e não tivessem nada que ver com a aparelhagem governamental. (...) Os Governos vivem muito da preguiça dos governados e da sua falta de iniciativa.*»⁽¹¹⁾

A Fábula do Lobo e do Cão, mais um dos seus Métodos?: «*O cão que queria convencer o lobo a ficar ali, porque tinha comida certa e quando chovia o dono recolhia-o, etc., etc. O lobo perguntou: E essa falta de pêlo no pescoço, o que é? O cão explicou e o lobo ficou muito assustado: Não, não quero, vou de novo para a liberdade*»⁽¹²⁾. A «*olhar*» do Conselheiro: é muito mais cómodo. E é por isso que «*o consumo de drogas está a aumentar no mundo e não se vê maneira de liquidá-lo. Porque o mundo está numa fase extremamente difícil e as pessoas, em vez de se lançarem ao problema de ver como é que isso vai, quais seriam os caminhos, preferem, com um pouco de cocaína ou vinho, alhear-se do problema, anestesiá-los e deixar que tudo o resto vá por conta de outros. E é também por essa razão que a maior parte das mulheres casa: para não afrontarem a vida, pois para elas sozinhas seria extremamente difícil por motivos económicos, por exemplo.*»

O capítulo 12 é também essencial. Trata dos **Problemas Filósoficos**, os quais deverão ser orientados pelo **Conselheiro**: «*Posso relacionar inquietações mentais com aqueles resultados que o electrocardiograma ou o termómetro mostra.*» Agostinho diz que se fizeram Inquéritos em Enfermarias a pessoas com fracturas e concluiu-se que grande parte foram causadas por **Problemas Filósoficos**: «*as pessoas iam para uma coisa que não queriam, de que não gostavam*».⁽¹³⁾ Se o coração deu sinais numa situação em que o espírito da pessoa se sentia mal, então devemos interpretar isso como «*uma lição de que não se deve meter por caminhos em que esses estados possam aparecer.*»⁽¹⁴⁾

O Caso do Médico: Há casos em que a própria pessoa, por falta de

sensibilidade, não actua. «*Um amigo meu foi atropelado e morto por causa de um estado psicológico [resultado de uma determinada Filosofia de Vida]. Ele tinha que se reformar, não andava satisfeito com a vida, mas era médico e entretinha-se indo ao Hospital, onde se sentia bem.*» Depois de se reformar, à saída de casa, ia comprar o jornal, veio um automóvel, atirou-o para o chão. Ficou a sofrer até morrer. O Médico podia ter corrido, mas não o fez, porque não lhe apeteceu. «*Esse homem tinha desistido de viver!*» E para Agostinho da Silva, foi esta «**Atitude perante a Vida**», à qual está ligada uma «**Concepção**», que o matou. «*E aí é muito bom que possa existir uma atenção exterior*»,⁽¹⁵⁾ por parte do **Conselheiro / Orientador Filosófico**, que deveria incidir sobre «*o tratamento das condições externas e internas do indivíduo.*»

O Filósofo Contemporâneo e Prático: «*Um dia fui a um lugar no interior para fazer uma Conferência e, chegado lá, não me apeteceu fazê-la. Preferi perguntar às pessoas se alguém tinha um problema que se pudesse tratar ali. Então uma moça levantou um problema (...) No fim, um padre franciscano levantou-se e veio felicitar-me.*»⁽¹⁶⁾

Filosofia para Crianças: «*Numa reunião efectuada na Fundação Gulbenkian sobre Literatura Infantil, uma Professora disse que os alunos estava a ler Homero e Camões, e toda a gente ficou muito admirada destas leituras dos moços da 2º e 3º Ciclos. Mas era muito simples: liam-nos em banda desenhada! (...) Hoje a imagem substitui o texto.*»⁽¹⁷⁾

Filosofia Brasileira: «*Uma ideia profundamente brasileira: uma coisa que tem de ser feita, deve começar-se logo, já que não pôde começar-se ontem. (...) e por isso há que começar de qualquer maneira, se não houver condições, inventam-se.*»⁽¹⁸⁾

Mais um **Conselho:** «*Deve fazer-se do mundo uma cidade, na medida em que cidade significa a convivência dos homens.*»⁽¹⁹⁾

O Conselheiro Filosófico: «*Eu aconselhei o Franco Nogueira [Ministro dos Negócios Estrangeiros] que, devido à guerra colonial já ter começado naquela altura, não era conveniente que ele fizesse uma proposta daquelas, mas já que estávamos ali como dois amigos e se ele achasse bem dar-lhe-ia uma ideia que os brasileiros deveriam aceitar e que seria muito útil para Portugal.*»⁽²⁰⁾

Função da Filosofia: «*A Filosofia é uma provocação. Ela deve ser um rosário de dúvidas e não deve ser transformada em certeza e em ensino.*»⁽²¹⁾

«*Quando algo está errado no mundo, a gente começa por duas coisas muito importantes: não cometermos o erro e verificar se não estamos num serviço que o comete.*»⁽²²⁾

Motivar o **PROJECTO**: «*O importante é ir fazendo as pequenas coisas nos pequenos lugares, até que elas tomem uma ressonância muito mais vasta.*»⁽²³⁾

Ética do Presente: «*Nunca dei muita importância a modificar grandes coisas no presente, porque sei perfeitamente que as minhas forças são muito menores do que as outras que movem o mundo e, portanto, restringi-me sempre a onde eu estava e podia actuar, procurando que ali não houvesse nenhum dos defeitos que censurava e que criasse gente com outra mentalidade.*»⁽²⁴⁾

Código de Ética do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses: «*O que eu proibia ali era a entrada de Professores, que não tinham a coragem de perguntar coisa nenhuma e que andavam a espalhar boatos pela Universidade e pelo Brasil. Não os considerava dignos. Alunos sim, funcionários sim, professores não.*»⁽²⁵⁾

Orientador Escolar: «*Se por acaso quiserem perguntar alguma coisa, algum conselho ou ideia sobre os vossos estudos estejam à vontade.*»⁽²⁶⁾

A Crise: «*As Universidades estão em crise, o que significa o desaparecimento deste tipo de Universidade e o aparecimento de um outro. Hoje é um lugar de decadência, onde as pessoas vão fazer as suas pesquisas e fabricar o seu currículo.*»

Conselho perante a Angústia na vida profissional: «*Não ter preocupação do futuro (...) o presente é a mais bela dádiva que se pode ter.*»⁽²⁷⁾

O Cliente: «*Camínhamos para uma coisa diferente. O que se pergunta é como é, qual é o bom, qual a melhor maneira de fazer essa caminhada, o que é que qualquer pessoa afinal tem de fazer no mundo para o conseguir.*»⁽²⁸⁾

Conselheiro: «*Nascemos no mundo como somos (...) mas com um certo poder sobre nós mesmos.*»

– CONSULTAR POR CORRESPONDÊNCIA⁽²⁹⁾

Na sua obra *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, Agostinho da Silva mostra-nos um conjunto de sessões de orientação e aconselhamento filosófico, em que o filósofo se revela extremamente atento e preocupado com o seu interlocutor, Luís.

«*Conhecemos tão pouco da vida, do mecanismo complexo que deve ser este do mundo que, segundo me parece, o decidir-se não tem grande valor, senão no que respeita à estima que poderemos manter por nós próprios (...).*»⁽³⁰⁾

Agostinho da Silva refere que, numa **Decisão**, é indiferente pensar bem e depois agir, como agir atirando uma moeda ao ar. Porque «*só por um mero acaso se pode acertar (...) temos todas as possibilidades de tomar sempre uma decisão errada.*»⁽³¹⁾ A «sorte da moeda» tem a vantagem de suprimir do sistema complexo um elemento que pode perturbar: a vontade do sujeito – diz Agostinho.

Agostinho da Silva refere que Luís pretende dedicar-se à Filosofia visto que se interessa pelos grandes problemas filosóficos e um dia gostaria de apresentar uma Tese sobre a estrutura do mundo, sobre o sentido da vida. Mas uma questão se coloca: estará Luís preocupado em arranjar emprego quando terminar o Curso? Luís não o demonstra, em detrimento da Moral Filosófica. Mas Agostinho não entende porque Luís põe de lado, de modo tão ligeiro, os interesses materiais. E diz a Luís que a profissão de Filósofo não dá nenhuma compensação material: «*É um trabalho para vegetar, não realmente para viver.*»

O Luís pretende ser Filósofo, não no sentido de expor as Doutrinas dos outros ou apenas de construir a sua Doutrina, mas em colocar a sua vida de acordo com a sua Filosofia, como o fizeram alguns Gregos e quase todos os Indús.

Para Agostinho da Silva, o facto de Luís desprezar o dinheiro significa que já possui uma Filosofia. Mas pergunta: desprezo ou repulsão? E dá o exemplo de Séneca, que desprezou as riquezas, mas foi banqueiro. Enquanto que o Santo também as despreza, mas nunca será banqueiro. Será que Luís optará pela primeira?

Agostinho questiona antes a opção de Luís em querer ser Filósofo e não médico, engenheiro ou comerciante. Se primeiro tivesse uma profissão lucrativa, poderia mais tarde entregar-se a uma vida filosófica. Agostinho pretende que Luís lhe demonstre que agiu por **motivos racionais**, porque a maioria dos homens, e incluindo Luís, age sempre por **temperamento**.

Para Agostinho, um temperamento está sempre certo: biologicamente e na máquina do mundo. Biologicamente porque é uma questão de genética. O exercício da vontade sobre o temperamento é uma questão diferente da fatalidade do temperamento; tem ainda que contar-se com a influência do metabolismo e com o facto de vivermos em simbiose com os homens e com os animais. Na máquina do mundo, falamos da Física e da Matemática: cada estádio do mundo é uma dedução, um desenvolvimento correcto, segundo as regras, de um estádio anterior.

Mas o temperamento do Luís pode não estar certo segundo o «*Plano do Querer, que é o do Espírito.*»⁽³²⁾ O temperamento do dar é o que con-

vêm mais ao Luís e aos outros; aquele que poderá dar mais Felicidade? – pergunta Agostinho.

«(...) *não tento resolver problemas: estou simplesmente a levantar-lhos.*» (É este um dos Princípios Epistemológicos e Éticos do Aconselhamento Filosófico).

Deve ser a Felicidade um critério? A dos outros, sim, mas a Felicidade Própria é uma questão. «*Se um artista tem uma obra dentro de si, deve sacrificar os outros ou a obra? Nenhum artista hesitaria na resposta: a obra nunca se sacrifica.*»

Agostinho da Silva adianta que Luís poderá um dia ter de optar entre a Felicidade de alguém e a sua problemática Filosofia. Se o caminho de Luís for o da dádiva, é natural que dê a sua obra. Se o não fizer, terá a atitude do artista criador, a de receber. Como criador, o artista é egoísta – diz Agostinho. Depois de criada a obra, o artista passa a dar muito ao mundo.

Agostinho da Silva pergunta agora a Luís: o que fará quando sentir «*saudade do que não foi*»?

Mas se Luís sacrificar a sua obra, Agostinho considera que ele não a tinha; que ele apenas tinha o desejo da obra, a imaginação. «*Porque se ela existisse você passaria por cima de tudo. (...) Quem tem uma obra, a obra o tem.*»⁽³³⁾ Para Agostinho da Silva, esta é a posse mais terrível de todas, a escravatura mais completa. Portanto, se Luís for um criador, ele não dará a Felicidade a ninguém, nem a si próprio.

Na questão de dar, Agostinho pergunta pelo Critério de Utilidade. Nem sempre o bom originou o bom. Há uma certa relatividade e um certo pessimismo trágico, quando se refere ao fim dos tempos. E a natural pergunta: qual o sentido da vida? «*Seremos como a macieira que daria maçãs, mesmo que ninguém lhas comesse*»⁽³⁴⁾? Para Agostinho da Silva, a última razão dos actos não deve ser a de um alvo, mas a de uma existência. Mas como o espírito é finalista, temos aqui um conflito: senão entre a estrutura, pelo menos entre o aspecto do espírito e o aspecto do real: o primeiro põe objectivos, o segundo apresenta consequências. «*É este um conflito fundamental e insolúvel, a batalha entre o querer e o poder.*»⁽³⁵⁾

«*Nunca poderei ir além da preparação de tudo o que mais desejaria fazer; esta carta é um bocado de carta, como a minha vida é um bocado de vida.*»⁽³⁶⁾

Aconselhando Luís, refere: «*Há-de-se inventar a você próprio: criar um outro Luís, melhor (...)*» Agostinho critica a pessoa que sempre permanece igual, «*figura de cera de um museu, sempre o mesmo e catalogado.*»⁽³⁷⁾

O Elogio da Luís: «*Há em você uma primavera perpétua.*»

Mas o Diagnóstico: «*Creio que você atravessa apenas uma crise.*» O Silêncio é o **conselho** de Agostinho, assim como a coragem de ver um todo único sofrer e amar.

Agostinho critica a Filosofia dos Sistemas, que parte sempre de um dogma: o da razão coincidir com a ordem do mundo, da inteligência ser capaz de penetrar o universo.

Agostinho analisa o Caso de João Alves relativamente aos problemas filosóficos da Monotonia e do Desinteresse. O raciocínio moral poderá ser infrutífero, na medida em que nunca estou na posse de todas as possíveis consequências.

O **Conselheiro**: «*Às vezes faz perguntas embaraçosas e lança o remo que vai ferir no mais fundo da alma o espectador inocente, o que entrou para se rir.*»⁽³⁸⁾

Mas Agostinho não utiliza o Método da «Moeda ao Ar», porque não renuncia a compreender, a deliberar, a uma vontade em que não acredita. Age aqui o seu instinto de conservação, para sobreviver, a virtude da coragem.

Outra vez o **Diagnóstico**: «*Você, Luís, está num momento difícil, o momento em que as aranhas mudam de pele*», em que tem escolher entre a virtude e o vício.

«*Só vence quem tem fé, e aí de quem vai desanimado para os combates, e nem sequer acredita que se possa ganhar...*»⁽³⁹⁾

«*(...) nunca pense por mim; mais valem todos os erros se forem cometidos segundo o que pensou e decidiu do que todos os acertos, se eles foram meus, não seus. (...) Os meus conselhos devem servir para que você se lhes oponha.*»⁽⁴⁰⁾ Agostinho da Silva considera que o indivíduo deverá pensar por si, fazer o seu caminho, mesmo que o resultado seja um pensamento semelhante. No entanto, o importante é que o indivíduo não se conforme, seja criativo e lute pela sua liberdade, identidade e dignidade.

Na página 40, Agostinho da Silva chega mesmo a afirmar que: «*Dar-lhe-ei o conselho de se opor (...)*». É este um bom exercício [numa Metodologia de Aconselhamento Filosófico]. No entanto, é preciso ter cuidado porque «*as melhores ginásticas deformam*». É preferível o caminho livre do indivíduo ao caminho dependente dos Métodos. Contudo, há em Agostinho da Silva o reconhecimento subtil da importância do ensino e da orientação filosófica.

A Filosofia não é fácil, exige um encadear de raciocínios e uma formação sólida, assim como a força criadora do autor. Agostinho critica

a Retórica que, com o seu talento e inconsciência, tenta assumir-se como Filosofia, visto que costuma ser um êxito seguro, pois «o público adora os filósofos que pode compreender».⁽⁴¹⁾

Palavras do **Conselheiro**: a) «*Você tem liberdade absoluta para decidir: pode ser literato, retórico ou filósofo.*» Para a Literatura, Luís não tem egoísmo suficiente, dons formais e penetração psicológica; para a Retórica, a consciência do Luís é demasiada; resta apenas a Filosofia: «*mas seja Filósofo a sério.*»⁽⁴²⁾ b) «*Procure compreender os sistemas dos outros antes de criar o seu (...) Estude ferozmente com os dentes cerrados, empregue toda a sua força; ou você domina a Filosofia ou a Filosofia o domina a você: só que é forte se apaixonou.*» c) «*Ganhe primeiro uma disciplina [de investigação e pensamento], só depois se poderá lançar em aventuras [críticas e criação].*» d) Os «Remédios de Agostinho» – ouvir Schubert, música triste ou Beethoven, música trágica e heróica. Em Beethoven, temos uma alegria que é liberdade e uma excelente interpretação de Schiller.

Conselho para a questão do amor: «*O primeiro dever diante de uma mulher é ser um fogo que arde e um coração que se vigia. Só a podemos ter, se ela pensa que todos nos entregamos; e só nos podemos salvar se há reserva em nós.*»⁽⁴³⁾ Nesta questão, Agostinho da Silva utiliza a Teoria de Aristófanes relativamente ao Amor como a união das duas metades de um mesmo ser.

Conselho para a questão de ser Filósofo: «*Como é isso [o amor] compatível com o ascetismo filosófico? Você vai precisar de todo o seu tempo (...) [para] o treino de pensar.*» Nesta questão, Agostinho da Silva utiliza o Soneto de Camões: é preciso servir sete anos o pai da nossa amada para que sejamos dignos dela. «*Escravo, pois, e tão escravo que só lamentemos a brevidade da existência.*» Mas Agostinho é trágico: «*O que dignamente conquistámos só vem quando já não serve.*» Então, devia o indivíduo ter roubado a sua amada? Não, porque o pastor de Camões amava mais o sacrifício do que a sua amada.

Uma **Definição de Aconselhamento Filosófico**: «*Uma aventura vale na medida em que é perigosa; e você está correndo, e eu consigo, a mais perigosa das aventuras.*»⁽⁴⁴⁾

Uma dúvida (para pensar) quanto ao **Aconselhamento Filosófico**: «*Que tenho eu de me preocupar consigo e que lhe dar **conselhos**? Ou você tem a obra e a fará, através de todos os riscos, ou não a fará, porque a não tem.*» A Metáfora do Navio: «*Vi construir o navio, lançá-lo à água: é uma tolice dar-lhe conselhos, mas há em mim uma **inquietação** que não se acalma; aguentará o mar bravio, navegará bem por entre os gelos, supor-*

*tará a pressão da barreira, no grande Inverno polar? E então vou de noite, no meu barco a remos, e rodeio-o no ancoradouro, escuto o menor chapinhar na água e surpreendo-me a bater-lhe palmadas **afectuosas** no costado e a dizer-lhe: Cuidado! Com as ondas, cuidado com os fundos! Perfeitamente absurdo.»⁽⁴⁵⁾*

Agostinho enviou a Luís três poemas⁽⁴⁶⁾. O resultado foi despertar o entusiasmo do Luís. Neste contexto, Agostinho revela que considera a idade da juventude estranha: idade da ignorância, tempo para tolices.

Mais uma vez, Agostinho fornece outro **conselho**: «*Aqui tem você um **conselho** que lhe poderá servir para a sua Filosofia [de vida]: não force nunca; seja paciente pescador neste rio do existir. Não force a arte, a vida, o amor nem a morte. Deixe que tudo suceda como um fruto maduro que se abre e lança no solo as sementes fecundas.*»⁽⁴⁷⁾

Mais à frente, Agostinho refere-se à questão do Suicídio: «*O Suicídio é absurdo e condenável apenas porque me não deixaria viver.*»

Quanto à **Consultoria Ética**: «*Devemos ser exactos, muito assíduos, muito competentes e muito disciplinados, nas funções que exercemos. Mas não absolutamente assíduos (...)*» Agostinho refere-se ao meio termo, na sua definição pouco comum de *mediocridade*.

Agostinho volta à questão do **Amor**: «*Você ainda não é capaz de construir uma Filosofia (...) você, ignorante, fraco, disperso, queria amar!? Ame sem poder e verá o que lhe acontece; verá como a vida se vinga; o melhor que lhe poderá acontecer é casar. Mas isso é um mal elementar. (...) A quem ama sem poder a vida retira-se; mas sem que a morte venha.*»⁽⁴⁸⁾

Agostinho aprende com Luís, e reformula o seu pensamento: «*Você tem razão num reparo que me fez: a de que não devo dizer que só quem é forte se apaixona: a paixão é passiva. Apaixona-se o fraco, o forte cria [ama]*». Mas «*se você não pode amar, não ame; seja simples, seja humilde, faça calmo o seu trabalho, e deixe o resto.*»

Agostinho retoma a ideia do Capítulo III: não vale a pena ser Filósofo quando se perde a humanidade: entender os outros, por exemplo. Agostinho da Silva considera que Luís tenta preservar-se, mas que isso não se deve ao seu interior rico, e sim a um certo sentimento aristocrático, de uma vaidade nada filosófica e de um gosto pela inteligência sem afectividade. Agostinho da Silva teme que Luís se transforme, através do hábito, num Filósofo frio e distante dos homens. Aqui, refere-se criticamente a um valor aparente: a Tolerância, que mais não é do que uma atitude imoral de desprezo pelo outro. «*No tolerar somos nós os deuses e consentimos que haja, lá muito abai-*

xo de nós, uns mesquinhos seres insignificantes (...)».⁽⁴⁹⁾ Agostinho refere-se ao contravalor da indiferença.

Agostinho avança com críticas a Luís: «*com esse bocadinho de Filosofia que já aprendeu nos manuais, nas enciclopédias e nas revistas e com a leitura de um Diálogo de Platão, (...) já me vai tomando uns ares irritantes de filósofo superior e agressivo.*»⁽⁵⁰⁾ Agostinho afirma que Luís parece já um Cartesiano e um Kantiano, que vai tentar convencer os outros das suas Teorias. Atitude negativa para quem deseja ser um Filósofo Autêntico, Livre e Original. Agostinho discorda que seja possível convencer alguém através de argumentos, e opta pelo termo aderir. Agostinho introduz aqui a questão da Amizade: define-a com bondade plena de afetividade e amor. E considera que o mundo não teria sentido sem a amizade. Neste contexto, substitui a frase de Descartes: «Penso, logo Existo» por «Sinto, e só existo quando sinto, e por sentir o Universo existe»⁽⁵¹⁾. É deste modo que se abre o entendimento, a fraternidade e o trabalho útil. Analisa o Processo dos Argumentos na Atitude de Convencer: ao 3º Argumento, os outros não aceitam (porque não compreendem, pensaria o Luís, que os considera imbecis); ao 4º Argumento, o Luís treme, mas o Estoicismo permite-lhe conter-se; ao 5º Argumento, Luís insulta-os.

O **Conselheiro Filósofico** analisa as «Consequência Desvantajosas»: os outros ficaram na mesma; o Luís ficou mal disposto; não foi filósofico; azedou mais ainda; e os outros passaram a aborrecê-lo e a odiá-lo. Agostinho pergunta a Luís: o que veio aqui fazer? E utilizando o Modelo Idealista, diz que o mundo continuará igual, assim como segundo o Kantismo, o Positivismo, etc.

A **Definição de Filosofia**: «*Uma Filosofia tem de ser uma explicação total do Universo.*»⁽⁵²⁾ Assim, uma definição que harmonize todos os contrários, deverá levar-nos à procura de Deus. E segundo Agostinho, essa «*é a grande tarefa filosófica*», assim como da Ciência, da Política e do Amor, que tudo supera.

«**Thought Experiment**» – Se o Luís tivesse a verdade e Deus no bolso, será que o Luís conseguiria leva-los pelo seu caminho, empurrando-os, puxando-os, berrando-lhes? Não. Terá de ser com afecto, com palavras amigas.

«*Se uma luz de caridade não brilha em si, para que lhe serve viver? Um Filósofo mais? (...) Ou você vem a casar a Filosofia com Jesus, ou então pode retirar-se, porque o mundo dispensa-o.*»⁽⁵³⁾

Conselhos: «*Você tem que ir à frente (...) mas não muito à frente para que não percam a luz. (...) E seja sereno, seja afectuoso, se lhe pedirem que*

explique, explique trinta vezes, com a mesma calma e interesse da primeira. (...) Uma simpática moderação permite-me manter um sentido da convivência.»⁽⁵⁴⁾

Agostinho da Silva considera que o **Professor de Filosofia** se divide em vários tipos: aquele que produz apontamentos para facilitar o aluno menos dotado; aquele que faz parte do sistema; e aquele que, no ponto mais alto, cria. «*A Filosofia é uma criação perfeitamente similar à criação artística ou religiosa ou amorosa.*»⁽⁵⁵⁾

Agostinho alerta para o facto da desilusão do **PROJECTO** [Método de Jorge Dias], mas nem isso poderá alguma vez levar o verdadeiro Filósofo a desistir. «*Sofrer não importa, só lhe poderá fazer bem. (...) não importa que proteste, que se abata, que desanime, que chore e lance clamores: mas renunciar nunca.*»⁽⁵⁶⁾ Agostinho refere que na solidão e as incertezas vão ser verdadeiras tentações para desistir.

«Esteja os seus quarenta dias no deserto e aprenda o que não vem no Evangelho: que esses quarenta dias significam a vida toda.»

De novo, os **Conselhos** perante os **Problemas Filosóficos**: sentir-se abatido no caminho, em sombrio desespero, na angústia sem esperança. Nesses momentos, «*se puder, consolá-lo-ei, se não puder ficarei a seu lado, em silêncio.*»⁽⁵⁷⁾

Agostinho não exige um herói espectacular e rígido, mas a persistência no caminho: «*Tenho como prova da existência de Jesus as suas fraquezas humanas, ao passo que a segurança de Sócrates me parece bastante dos domínios da imaginação platónica.*» Desistir é para Agostinho um pecado contra o espírito, que ninguém poderá perdoar. E acrescenta: «*A dor só realmente fecunda quando a amamos, quando a vemos como indispensável à escultura que se está fazendo na nossa alma.*»

«O [homem] Criador é uma espécie de monstro em que há o homem e o outro; quem desanima, quem se abate, quem chora é o homem: o outro, se é grande, até os desesperos utiliza. O essencial é que nunca o homem traía o artista.»⁽⁵⁸⁾

Amizade: «*Claro que sou seu amigo, mas apesar de todas as amizades, sempre na vida estamos sozinhos (...) Só sabemos seguramente de uma amizade ou de um amor, o que temos pelos outros. (...) a grande amizade e o grande amor são aqueles que dão sem pedir (...).*»

Conselhos Finais: «*A sua superioridade se existir deve ser com um bálsamo nas feridas, deve consola-los, aliviar-lhes as dores. A sua grandeza deve servir para os tornar grandes.*»⁽⁵⁹⁾ É esta, segundo Agostinho, a mais difícil de todas as artes, a qual exige **recursos afectivos** pelos ou-

tros. Voltamos à Metáfora: «*Que aviõezinhos são estes que não aguentam trovoadas, que naviozinhos são estes que só podem navegar com o mar chão?*»⁽⁶⁰⁾

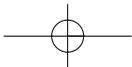
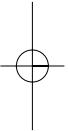
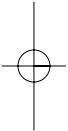
A **Ironia** Final: «*Estou a exigir muito de si?*» Para Agostinho, são os bons amigos que exigem. «*Porque só há homem quando se faz o impossível. (...) Quando você saltar bem, eu direi sempre: agora mais alto! Que me importa que você caia. O que é preciso é que você se levante.*»⁽⁶¹⁾ Agostinho da Silva exige um Exercício: cair e levantar-se, sorrindo. O **Conselheiro** tem consciência dos seus duros **conselhos**, mas considera que poderá um dia ter pena de Luís: «*Por ter dado **conselhos** de força e de altura a quem era fraco e baixo: mas não me parece ter perdido tempo: se os **conselhos** não servirem a você, a mim serviram; que bem preciso deles, e ninguém mos dá.*»⁽⁶²⁾

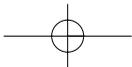
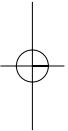
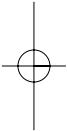
Lisboa, 6 de Março de 2006

Notas

1. Este texto serviu de base para uma Conferência na Escola Secundária de Arouca, em Abril de 2005.
2. Agostinho da Silva, *Vida Conversável*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1994. (Organização e Prefácio de Henryk Siewierski)
3. Agostinho da Silva, *Vida Conversável*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1994, pág. 15.
4. Cfr. José Gil, Portugal Hoje: *Medo de Existir*, Editora Relógio D'Água, 2004.
5. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 33.
6. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 36.
7. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 37.
8. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 38.
9. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 62.
10. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 63.
11. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 68.
12. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 69.
13. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 75.
14. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 76.
15. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 77.
16. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 98.
17. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 109. Sabe-se que o autor escreveu algumas obras de Filosofia para Crianças.
18. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 119.
19. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 147.
20. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 156.
21. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 158.
22. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 161.
23. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 163.
24. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 171.
25. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 171.
26. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 172.
27. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 177.
28. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 178.
29. A Obra analisada neste Capítulo é dedicada a José Navarro. Mas pensamos que a identidade filosófica de ambos é tão próxima, que arriscaremos, para o nosso propósito, considerar Agostinho o autor das ideias, na medida em que provavelmente concordaria com grande parte delas, pois que as encontramos em outras obras do Filósofo Português.
30. Agostinho da Silva, *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, Lisboa, Ulmeiro, 1997, Pág. 10.
31. *Ibidem*.
32. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 14.
33. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 15.

34. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 17.
35. *Ibidem.*
36. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 18.
37. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 21.
38. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 31.
39. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 35.
40. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 39.
41. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 41.
42. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 42.
44. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 46.
45. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 47.
46. «Fala do Anjo a Jacob», «Balucei um Momento», «A Harpa Eólia», In Agostinho da Silva, *op. cit.*, Pág. 82-94.
47. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 52.
48. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 54-55.
49. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 60.
50. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 62.
51. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 64.
52. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 65.
53. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 66.
54. *Ibidem.*
55. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 69.
56. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 71.
57. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 72.
58. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 74.
59. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 75.
60. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 76.
61. *Ibidem.*
62. Agostinho da Silva, *op. cit.*, pág. 77.





COLECÇÃO «FILOSOFIA APLICADA»

O objectivo principal da Colecção de Filosofia Aplicada é o de divulgar e promover trabalhos filosóficos cuja principal finalidade é o de contribuir de forma construtiva para o aprofundamento e compreensão dos valores, conceitos e princípios que regem as nossas vidas, podendo por isso modificá-los. Esta colecção é uma tentativa de dar resposta(s) a problemas concretos, nomeadamente nas áreas do Aconselhamento Filosófico, Filosofia para Crianças, Ética do Desporto, Ética Empresarial, Ética Pública, Ética da Educação, Ética Ambiental e outras. Aberta à pluralidade de expressões de diferentes pontos de vista, o conjunto de estudos aqui publicados procura elaborar uma análise crítica a estas áreas, identificando e justificando a discussão de valores de interesse geral.

Tanto o especialista como o público em geral poderá encontrar nesta colecção as diferentes perspectivas de um novo paradigma de Filosofia Aplicada que, neste início do século XXI, está a emergir nos mais diversos pontos do planeta.

Títulos publicados:

I

PENSAR BEM – VIVER MELHOR

FILOSOFIA APLICADA À VIDA

Jorge Dias

*Esta colecção tem a direcção científica da APAEF
– Associação Portuguesa de Aconselhamento Ético e Filosófico –*

O NOVO PARADIGMA DA FILOSOFIA APLICADA À VIDA

«Filosofia para Saudáveis. Ajudar a eliminar tensões psíquicas através do diálogo filosófico profissional – uma proposta recente que já chegou a Portugal.

Imagine que está na meia-idade, tem um patrão que não gosta e pensa mudar de emprego e de vida. Ou que enfrenta problemas matrimoniais. Ou entrou em choque com princípios morais. Ou mesmo que não encontra um sentido na sua existência. Ou tudo isto ao mesmo tempo. Inúmeras dúvidas e receios abatem-se sobre si.

Imagine agora que (...) pode encontrar ajuda através do conhecimento de (...) Aristóteles ou Sartre. É o que asseguram os Consultores Filosóficos.»

In revista *Visão*

Edição n.º 669 de 29/12/2005, p.65.

JORGE DIAS pertence à nova geração de Filósofos que acreditam que a Filosofia deve estar presente em todas as dimensões da vida e que pode ser um contributo real à resolução de questões e problemas que dizem respeito à natureza do Ser Humano. Neste livro, através de uma linguagem perfeitamente acessível, introduz o leitor no mundo do Aconselhamento Filosófico utilizando amiúde exemplos da sua própria experiência, o que dá um dinamismo e humanismo muito peculiares à sua exposição.

O autor é professor de Filosofia, Formador e Consultor para a área da Ética. Tem realizado sessões de Aconselhamento Filosófico Individual, tendo-se especializado na *Society for Philosophy in Practice*, em Londres. É membro do Conselho Científico da «Revista Internacional de Filosofia Prática» (Grupo ETOR – Universidade de Sevilha) e foi convidado para ministrar um seminário de Aconselhamento Ético no Mestrado: «Prática Filosófica e Gestão Social», na Universidade de Barcelona.